

ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE O PROJETO EPISTEMOLÓGICO DE B. F. SKINNER E O PSICOLOGISMO

Wallax Emanuel Cabral de Souza (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Carlos Eduardo Lopes (Orientador), Carolina Laurenti (Coorientadora). E-mail: wallaxecs@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Psicologia / História, Teorias e Sistemas em Psicologia

Palavras-chave: Epistemologia; Comportamentalismo Radical; Psicologismo.

RESUMO

A fim de averiguar a possibilidade da proposta epistemológica skinneriana ser considerada uma forma de psicologismo, esta investigação de natureza teórico-conceitual percorreu três etapas. Na primeira, o psicologismo foi caracterizado a partir da leitura de obras que abordassem o tema. Na segunda etapa, a concepção epistemológica de Skinner foi delimitada por meio da leitura de obras do autor que tratavam diretamente do assunto, bem como de materiais complementares de comentadores. Na última etapa, os resultados das etapas anteriores foram comparados e articulados em um texto-síntese. Como resultado, destaca-se a compreensão do psicologismo como a defesa da relevância da Psicologia para a resolução de problemas filosóficos e da epistemologia skinneriana como um agrupamento de aplicações de princípios do behaviorismo radical e da ciência do comportamento a temas epistemológicos, o que demonstra a viabilidade do enquadramento dessa epistemologia como psicologista. Todavia, ao se fundamentar em uma psicologia cujo objeto de estudo é o comportamento e ao reconhecer o papel da comunidade verbal científica na produção do conhecimento, críticas clássicas ao psicologismo não parecem se aplicar à proposta de Skinner.

INTRODUÇÃO

A epistemologia é uma área de investigação que lida com problemas relativos ao conhecimento, sendo, tradicionalmente, considerada parte da filosofia. Com o estabelecimento da psicologia científica no século XIX, surgiram compreensões psicológicas de tópicos filosóficos, incluindo a lógica e a própria teoria do conhecimento. Tal movimento de interpretação psicológica de temas filosóficos foi

denominado de “psicologismo”. Ainda que esse termo tenha sido empregado para designar posições bastante diferentes, tradicionalmente seu sentido é pejorativo em função de várias críticas. Apesar da forte oposição ao movimento psicologista, propostas psicológicas de epistemologia continuaram a ser desenvolvidas no decorrer do século XX. O psicólogo estadunidense Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) parece ter seguido por esse caminho ao incluir o conhecimento e a ciência como objetos de análise de sua psicologia comportamental. Avaliar a plausibilidade dessa vinculação entre comportamentalismo skinneriano e psicologismo foi o objetivo desta pesquisa.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para alcançar o objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza teórico-conceitual, dividida em três etapas. Na primeira etapa, o psicologismo foi caracterizado a partir da leitura dos capítulos mais relevantes de *Philosophy, Psychology, and Psychologism*, editado por Dale Jacquette, e *Psychologism: A Case Study in the Sociology of Philosophical Knowledge*, escrito por Martin Kusch. A segunda etapa buscou caracterizar a epistemologia skinneriana por meio da análise e categorização dos usos do termo “epistemologia” e suas variações em obras de B. F. Skinner. Na terceira etapa, uma análise interpretativa foi realizada a fim delimitar as proximidades e afastamentos entre o psicologismo e a proposta epistemológica skinneriana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Historicamente, “psicologismo” foi um termo direcionado a posições tão variadas que não há um consenso sobre suas características, tipos e representantes, equivalendo, para alguns autores, a um erro ou abuso filosófico e, por conseguinte, a um adjetivo pejorativo em vez de uma posição digna de crédito (Kusch, 1995). A vagueza de definição é tal que quase todos os principais filósofos foram acusados, em algum momento, de serem psicologistas, incluindo os próprios críticos do movimento. Segundo uma definição abrangente, “psicologismo” designa qualquer posição que aborda temas tradicionalmente filosóficos por meio de conceitos de bases ou com conotações psicológicas. Todavia, essa definição é demasiadamente inclusiva, identificando quase todos os filósofos que não aderem a um formalismo ou antipsicologismo extremo como psicologistas. Uma concepção mais produtiva de psicologismo pode ser emprestada de Cussins (1987), segundo a qual uma doutrina psicologista é aquela que recorre à Psicologia a fim de responder alguma questão filosófica.

A proposta epistemológica de Skinner caracteriza-se pela extensão de princípios do comportamentalismo radical e de ciência do comportamento a temas ligados ao conhecimento. Compreendendo a totalidade dos fenômenos psicológicos como fenômenos comportamentais, Skinner trata o próprio conhecimento em termos de comportamento, articulando conceitos de sua proposta psicológica nesse tratamento. A exemplo disso, o autor define conhecimento como ação ou regras para ação, sugerindo que os princípios da aprendizagem operante explicam a aquisição do conhecimento (Skinner, 1974). Mesmo o conhecimento científico é analisado a partir do comportamento dos cientistas e suas variáveis controladoras, o que inclui as formas de controle impostas pela comunidade científica e aspectos subjetivos e pessoais desses cientistas.

Ao assentar-se explicitamente em sua psicologia, a teoria do conhecimento proposta por Skinner pode ser considerada um tipo de psicologismo, conforme as definições apresentadas anteriormente. No entanto, uma parcela considerável do criticismo ao psicologismo no século XIX, que estabeleceu o tom para críticas posteriores, foram direcionadas a propostas fundamentadas em uma psicologia bem distinta daquela defendida por Skinner. Segundo Aach, tanto Gottlob Frege (1848-1925) quanto Edmund Husserl (1859-1938), filósofos alemães, sustentavam que o “psicologismo depende de uma concepção da Psicologia como a ciência das ideias subjetivas” (1990, p. 322, tradução nossa), concluindo que a Psicologia não poderia ser objetiva e argumentando que o psicologismo tornaria o conhecimento científico subjetivo e a verdade relativa. Entretanto, esse não parece ser o caso da teoria do conhecimento proposta por Skinner.

Desde suas primeiras formulações, no início do século XX, o comportamentalismo não se identifica com a concepção de uma ciência psicológica como o estudo da consciência ou da mente, dissolvendo, se não eliminando, a distinção objetivo-subjetivo. Ainda, a epistemologia de Skinner aspira à impessoalidade do conhecimento, de modo que, ao formular leis e fatos que permitam outros sujeitos a agirem efetivamente, o cientista produziu algo no qual ele não está mais pessoalmente envolvido. Para tanto, a comunidade lógica e científica incentiva uma série de atitudes e impõe formas de controle que garantem a efetividade dessas regras (Skinner, 1992). Ainda, sua natureza pública permite que as regras produzidas sejam avaliadas e criticadas pelos membros dessa comunidade. Assim, o conhecimento científico, entendido como comportamento, é tão objetivo quanto qualquer evento público e críticas de que o psicologismo resultaria em um subjetivismo falham ao serem aplicadas à teoria do conhecimento skinneriana. As concepções de verdade derivada da proposta epistemológica skinneriana, ao dependerem da precisão dos estímulos controladores ou da efetividade das regras

produzidas, também impõem limites à aproximação do projeto epistemológico skinneriano com as caracterizações clássicas do psicologismo como relativista.

CONCLUSÕES

Em síntese, a teoria do conhecimento sustentada por Skinner pode ser entendida como um psicologismo, no sentido de recorrer à Psicologia para responder a questionamentos tradicionalmente filosóficos. Todavia, constatou-se que parte das críticas e caracterizações clássicas do movimento psicologista não se aplicam à epistemologia skinneriana. Ao sustentar a objetividade do conhecimento, o projeto skinneriano se previne tanto do subjetivismo quanto do relativismo e, portanto, das delimitações pejorativas atribuídas ao psicologismo.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Araucária, pelo auxílio financeiro, ao professor Dr. Carlos Eduardo Lopes e à professora Dra. Carolina Laurenti, pela orientação.

REFERÊNCIAS

AACH, J. *Psychologism Reconsidered: A Re-Evaluation of the Arguments of Frege and Husserl*. **Synthese**, v. 85, n. 2, p. 315-338, 1990.

CUSSINS, A. *Varieties of psychologism*. **Synthese**, v. 70, n. 1, p. 123-154, 1987.

KUSCH, M. *Psychologism: a case study in the sociology of philosophical knowledge*. New York: Routledge, 1995.

SKINNER, B. *About behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf, 1974.

SKINNER, B. *Verbal behavior*. Acton: Copley Publishing Group, 1992.